

REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR - JOAQUIM CÁRDOSO

pão e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Talhada - Lisboa • Telefone: ?

Oficina de impressão: Rua da Atalaia, 124

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Sintoma animador

Além do Congresso Operário Nacional, estão prestes a realizar-se três congressos corporativos de não somenos importância: o da indústria da Construção Civil, actualmente o mais robusto organismo proletário; o da Indústria de Calçado, Couros e Peles e ainda o dos Empregados no Comércio. Os sindicatos metalúrgicos também tencionam celebrar em data próxima, o seu congresso, de onde deve sair um forte organismo federativo que estenderá a sua benéfica ação a uma classe tan numerosa e que se encontra na verdade, num lastimável estado de desorganização, a despeito dos esforços do Sindicato Único Metalúrgico que, até agora, não tem podido estender a sua ação além da região de Lisboa.

E' um sintoma animador que com prazer registamos nestas colunas, pois demonstra que a classe operária trabalha afincadamente no aperfeiçoamento da sua organização sindical, procurando carvar alicerces mais fundos em que essa organização melhor se firme. Os trabalhadores portugueses já começam compreendendo a necessidade das associações de resistência, já se apercobem de que é inevitável o recrudescer da luta de classes, motivado pela acuidade que o problema social tomou após a guerra europeia, que deixou meia Europa a braços com a revolução latente e os exércitos proletários de todo o Oriente Europeu, buscando resistir às agressões da Internacional negra dos capitalistas.

Por isso, procuram criar novos organismos federativos, ligar formalmente agrupamentos de classe já agora dispersos por todo o país, sem que entretivessem relações apertadas. Dessa aproximação de sindicatos, por indústrias, resultará ficar o movimento operário mais homogêneo, mais sólido, não oferecendo tantos pontos vulneráveis aos cotidianos ataques do Estado burguês. E' o resultado de uma propaganda que tem custado muitos sacrifícios e que se vem desenvolvendo há largos anos, tropeçando sempre com a animosidades dos que governam e com o indiferentismo de parte da família trabalhadora. A semente está lançada há muito e dela já alguma coisa brotou; resta agora ligar todos esses elementos dispersos, discipliná-los para uma ação metódica e inteligente, coordenar todas essas vontades firmes criadas pela convicção no ideal. Agora, há uma tarefa muito maior, talvez mais ardua do que a da propaganda, a realizar. A U. O. N. realizou a unificação do proletariado da região portuguesa, insufiou-lhe o criterio sindicalista, criou o bloco da energia proletária. Porém, esse agregado ainda tem muitas protuberâncias, que devem desaparecer com a criação da Confederação Geral do Trabalho, com a aplicação de energias que até agora se não tem manifestado.

Do Congresso de Coimbra deve sair a Confederação Geral do Trabalho. Dos congressos corporativos devem sair algumas Federações de Indústria. E' necessário, porém, que a mudança de designação do mais alto organismo operário seja mais alguma coisa que uma simples transformação de rotulagem. Ele deve ser dotado, logo no seu início, de uma grande vitalidade, tendo ao seu serviço muitas vontades e inteligências, que lhe dêem um imprescindível prestígio e autoridade. Ao mesmo tempo, para que o organismo confederal resulte completo, igualmente é necessário que as federações existentes e as que de futuro se criem, não deixem de lhe dar desvelada assistência, acompanhando o mais de perto possível a sua ação, dotando as respectivas indústrias de uma organização forte e flexível, que dote as respectivas classes de uma combatividade que possa arrostar todas as perseguições dos governantes e da burguesia.

Não basta, pois criar um nome, ter consciência, uma consciência

## NOTAS & COMENTARIOS

### De entre as últimas

De entre as últimas patanhas das agências e jornais burgueses contra a revolução russa, convém relevar a da destruição da esquadra bolchevista pelos ingleses: três couraçados metidos no fundo e dois cruzadores fora de combate. E a vitória foi largamente festejada...

E afinal tudo se reduziu a isto: o couraçado Andrei Pervozvanni ligeiramente avariado, ficando as avarias reparadas dentro de poucos dias. E os outros navios, nem uma arranhadura.

Quanto a Petrógrado, tomado uma porção de vezes... pelas agências e jornais, lá está ainda nas mãos dos vermelhos.

Com as estupendas vitórias de Dénikin, dá-se o mesmo escrúpulo informativo: anunciam-se e ampliam-se as vitórias, mas calmam-se as derrotas, que não tem sido poucas nem pouco importantes, como as quedas de Kupiansk e Pavlovsk, o recuo de cerca de 50 quilômetros, na região de Tsaritsin, tudo nos fins de Agosto.

A campanha de mentiras e calúnias contra a revolução socialista parece ter reaberto de vigor e intensidade. Não deixam sequer em paz Bela Kun... para justificar de antemão a projectada restauração monárquica na Hungria.

### «Notre ennemi, c'est notre maître»

Segundo nos informa *Le Populaire* de Paris num dos últimos números chegados, a autoridade militar francesa proclamou o estado de sítio em Mulhouse e na região de Thann, na Alsácia.

Motivo: o agravamento da greve nas minas de potassa. Pretexto alegado: atentados de mão armada e ameaças contra a liberdade de trabalho. O costume...

Já há tempos nos referimos à irresponsabilidade do movimento operário alsaciano, logo desde o princípio da ocupação francesa, apenas concluído o armistício.

Provavelmente, as autoridades francesas empenham-se em conseguir que os trabalhadores alsacianos se aclinem sem esforço aos ares democráticos da nova pátria. Uma passagem demasiadamente rápida e sem transição poderia fazer-lhes mal ao peito.

Ou então, pretendem confirmar as palavras que o seu glorioso compatriota La Fontaine pôs na boca do burro: «O nosso inimigo é o nosso amo»; seja ele que for.

Um burro que falava com cabeça, pelo visto. Hoje, os burros que falam é só para zurrar patrióticas burradas.

\*\*\*

### Entpsae aliados

Grave conflito - Um "ultimatum" à Romênia - O governo romeno não aceita o tratado de paz com a Áustria

PARIS, 8.—O governo romeno ainda não respondeu à nota comunitária dos aliados sobre as pilhagens e requisícias feitas pelo exército romeno na Hungria. O sr. Clark foi a Bucarest entregar o "ultimatum" do Conselho Supremo Inter-Aliado. O governo romeno deliberou não assinar o tratado de paz com a Áustria, tentionando demitir-se da mesma que fôr assinado em Paris. A oposição está concorde com o governo nessa questão.

cia forte, que aprecio este e aquele aspecto de luta social, que forma uma corrente de opinião em que se firmem os organismos operários, que devem receber a inspiração das multidões, e não inspirá-las, como até agora tem sucedido.

Não é necessário criar mais rebeldias. A tarefa que se impõe neste momento é criar consciências. A transformação da sociedade não será, certamente, sem rebeldias. Porém, elas servirão apenas para o primeiro acto de Revolução, para a deposição pelas armas da actual ordem social. Depois, há alguma coisa de mais grave a fazer. E' um mundo inteiramente novo que teremos de erguer, tendo como matéria prima as multidões. Se elas não passarem do quebradiça argila, esborrar-se-hão ao primeiro sopro o edifício trabalhosamente erguido, inutilizando-se esforços e sacrifícios de muitos anos. Polo contrário, se o proletariado tiver uma consciencia colectiva, a visão de que há a fazer, a obra será fácil, porque só teremos a materiaizar o que já existe nos espíritos. Raso tem quem escreveu algures que a Revolução Social não se fará com leis e decretos.

Vamos concluir este artigo que já vai longo. Parece-nos que ninguém discordará das considerações acima feitas e cuja verdade facilmente se apreende. Todos concordarão em que é necessário aumentar a capacidade de consciência do proletariado português, a fim de que os alicerces da organização sindical não se continuem firmando na areia moeda da congenita rebeldia das massas trabalhadoras, mas sim numa robusta, indestrutível e sã consciencia proletária.

E' preciso que o proletariado se competente da missão que tem a desempenhar e a que de forma alguma se pode furtar. Para bem a desempenhar não basta que seja composto de revoltados. Tem de ser forte, de ter consciencia, uma consciencia

## A Casa dos Trabalhadores

Entre as várias manifestações de aplauso à ideia do camarada Freitas, ontem chegadas às nossas mãos, temos presente um alvitre de *Dois jovens sindicalistas* que nos despertou a atenção pela sua conclusão e que diz:

«Propomos que se façam 20.000 obrigações de 10\$00 cada, divididas em coupons no valor de \$25, as quais seriam adquiridas pelos sindicatos, que procederiam à sua venda aos proletários».

Não emitimos opinião sobre se será este o melhor ou o pior modo de se atingir rapidamente e por uma forma prática o objectivo em vista, mas este alvitre sugere-nos as seguintes considerações numéricas:

Numa população total de cerca de seis milhões de habitantes não erraremos muito calculando em dois milhões de indivíduos a sua população operária. Ora supondo

que a centésima parte desses operários, isto é, um por cada cem, se dispunha a fazer em prol dum tam bela ideia o sacrifício de 20 centavos semanais, ter-se-ia obtido, ao fim dum ano, a verba de 208 contos e a **Casa dos Trabalhadores**, do operariado português, seria uma realidade.

Há vinte anos talvez isto tivesse de considerar-se uma utopia,

de considerar-se uma utopia, em que o nível intelectual e moral

do proletariado, no nosso país como em todo o mundo, se tem elevado rapidamente, vincando nele

o sentimento, a compreensão do dever e do interesse colectivos, não podemos capacitar-nos de que em dois milhões de homens não haja, pelo menos, vinte mil camara-

dradas conscientes que se disponham a esse pequeno sacrifício, cujas vantagens finais são evidentes como o provaremos subsequentemente.

**COLONIZAÇÃO**

Há dias, na América, os negros e brancos amotinaram-se; houve mortos e feridos; correu o sangue pelas ruas.

Que disse a Europa sobre o caso? Pouco, muito pouco, alguns telegramas laconicos e nada mais.

Porque não falou ela; porque não se ocuparam os jornais do assunto e não patentearam aos povos de que lado estava a razão? Seria por alguns mortos e feridos a mais não merecerem a atenção de quem assistiu impassível à queda de quinze milhões de vidas, ou haverá conveniência em não se mexer na verdade?

\* \* \*

O facto é que os negros vão dando que fazem aos americanos.

Ex-escravos, lançados em plena evolução da ciência que neste último século tem tomado um desenvolvimento colossal, os negros educaram-se, viram quão iníqua para eles era a sociedade americana, compreenderam os seus direitos, que são iguais aos dos brancos, e, enquanto os não alcançarem, os momentos não cessarão e o sangue não deixará de correr pelas ruas.

Quem quer compreender profundamente a situação dos negros americanos que repare na analogia tremenda da luta dos pretos espoliados dos seus direitos contra os brancos que lhos negam e a luta dos trabalhadores enganados contra a burguesia que os engana.

Analizando atentamente as revoltas actuais vê-se que elas tendem ou degeneram num esforço grandioso no sentido da Igualdade e da Justiça. E a dos negros na América não fica por aqui.

\* \* \*

A imprensa burguesa da Europa, não se referiu com mais larguezas de vistas a esta questão, nem hesitando, muitas vezes, em travar áspera e desmedida polémica com as forças mantenedoras da ordem burguesa e capitalista.

Não é necessário criar mais rebeldias. A tarefa que se impõe neste momento é criar consciências. A transformação da sociedade não será, certamente, sem rebeldias. Porém, elas servirão apenas para o primeiro acto de Revolução, para a deposição pelas armas da actual ordem social. Depois, há alguma coisa de mais grave a fazer. E' um mundo inteiramente novo que teremos de erguer, tendo como matéria prima as multidões. Se elas não passarem do quebradiça argila, esborrar-se-hão ao primeiro sopro o edifício trabalhosamente erguido, inutilizando-se esforços e sacrifícios de muitos anos. Polo contrário, se o proletariado tiver uma consciencia colectiva, a visão de que há a fazer, a obra será fácil, porque só teremos a materiaizar o que já existe nos espíritos. Raso tem quem escreveu algures que a Revolução Social não se fará com leis e decretos.

\* \* \*

O governo dum país civilizado, a título de exportarem a civilização para os povos selvagens, levam-lhes o canhão que os mata e o comércio que os rouba. Colonizar é isto, a colonização é indubitablemente um crime.

Exterminar um povo, enfraquecê-lo e bestializá-lo, com o álcool, obrigar-l-o a crer num Deus inverosímil; fornecê-lhe as mulheres e as filhas, viciar o meio puro dos sertões, eis que tem sido a missão civilizadora da Europa, eis a sua cultura!

E' ó ironia! como é cómico ouvirmos falar do ilustre missionário, do distinto roceiro, da poderosa companhia, dos apóstolos da civilização!

Mas o verdadeiro tipo do colonizado (segundo as folhas patrióticas cá da terra) é o português.

Ha perto de quinhentos anos que os portugueses se estabeleceram na África e é vê como as colônias progrediram! Que ação altamente benemerita! Os selvagens se não sabem ler, sabem pelo menos engravar decílitros de aguardente dum manjedoura assombrosa; se eram fortes e belos em virtude da vida livre e sádica das selvas, hoje estão completamente transformados porque a sifilis, produto requintadíssimo da Europa de élite, já abunda por lá, transmitindo os pobres negros em leprosos de valor, em farroupas civilizados.

Dos portugueses educados e instruídos como são, não se pode de maneira alguma esperar os ideais dissolventes de Liberdade e de Amor.

\* \* \*

E' uma ilha vulgarmente conhecida.

## NA LINHA DE FOGO

### Os "Voluntários da Pátria"

Não sei se deram pela divertida no-tas, de negociantes e chatins, a guerra comercial que apareceu nos jornais da formação duma liga de voluntários recrutados nos centros republicanos, liga destinada a fazer abortar qualquer greve declarada.

Uma ideia, embora errada, é-nos de vez simpática, mas não a própria ideia em si, mas pela veneração de que foi avo. Por esta ideia da pátria bateram-se almas intrépidas, terçaram-se as lermas mais liais, e a elas andam vineados os maiores heroismos da raça humana. Nenhuma ideia como a da pátria teve solidariedade mais completa, unanimidade tão espontânea. Detrás de D. João I e de Camões houve realmente uma pátria. Mas que pátria vemos nós de detrás dum Alfredo da Silva? Um cofre-forte e um livro caixa. Tal é a pátria de hoje.

E é esta a pátria que os «Voluntários» se propõem defender, que outro não conhecem eles. Não é a Pátria, solo nacional, berço venerável de tradições, é o cofre da União Faribol. Bem clamam eles que é o público que defendem, o público que nadem tem com os conflitos patronais, mas é sobre as costas dos trabalhadores que eles derinem a questão. Que se arvorasse em árbitros dando um arremedo de imparcialidade à sua intrusão nestes conflitos, era admissível e desculpável. Mas este furor anti-grévista é que é difícil de compreender.

Tão natural é o direito de greve que as mais retrógradas monarquias o inserem já nos seus códigos e em princípio estabelecem a neutralidade nos conflitos. Mas os famosos «Voluntários» não acatam decretos nem direitos. Servos submissos do Capital é contra os trabalhadores que mobilisam sem querer saber se a greve é justa e se o patrício explora e é iniquo.

A crise certamente não vai por deante, mas o facto revela a podridão moral a que se chegam em democracia. E quando tudo evolui para a sociedade nova, quando o reinado burguês pende já para o ocaso, que alguns individuos que se dizem republicanos e progressistas mas obedecendo ao fundo a um espírito inquisitorial se vão colocar incondicionalmente ao lado da força contra o direito, serventários ignobres do deus-milhão, mastins abjetos de negreiros.

Seria grotesco se não enojasse. Manuel RIBEIRO

## O II CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL

Preparam-se os congressistas para partir para Coimbra, tendo chegado alguns

:::: já, da província, a Lisboa ::::

Novas recomendações aos delegados da província e um convite aos de Lisboa

Já aqui dissemos que há uma dificuldade enorme em adquirir bilhetes na Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro.

Para evitar demoras, transtornos e, possivelmente, a perda do comboio no momento indispensável para seguirem viagem a tempo de chegar a Coimbra a horas de assistir ao Congresso, os delegados da província, que não tenham facilidade em comprar bilhete directo para aquela cidade devem, contudo, dissemos, fazer o possível por estar em Lisboa depois de amanhã, para, conseguindo bilhete de passagem nesse dia, chegar a Coimbra na sexta-feira, por todo o dia ou à noite, em vista da primeira sessão do Congresso se efectuar às 11 horas de sábado.

Esta recomendação é indispensável, sobretudo para os delegados da província, pois para lastimar seria que qualquer deles, por aquele

gos Gomes Pablo; Corticeiros de Evora; Heitor Emilio da Veiga.

#### Indústria de calçado

Manufactores de Calçado de Lisboa, Manuel Joaquim de Sousa; Fabricantes de Calçado do Porto, Manuel Francisco Lucas, Júlio Campos e Serafim dos Anjos; Tamanqueiros do Porto, Norberto de Carvalho; Sapateiros de Beja; Curtidores de Alcanena, António A. Mata-Pomé; Sapateiros de Faro, José da Torre; Manufactores de Calçado de Viana-do-Castelo, Reinaldo Vieira; Fabricantes de Calçado de Fancaria do Porto, Francisco Bento Cruz; Curtidores e Surradores de Guimarães, Manuel Joaquim de Sousa; Tamanqueiros da Póvoa do Varzim, Eduardo Correia; Curtidores e Artes Correlativas do Porto, José M. Oliveira Júnior; Manufactores de Calçado de Évora, Manuel Caetano de Sousa; Manufactores de Calçado de Coimbra, José Peres e José de Almeida (falta nomear um delegado).

#### Comércio

Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio, Francisco R. Loureiro, Mario Azevedo e José Dias Pinheiro; Caixeiros de Lisboa, Francisco R. Loureiro; Empregados de Escritório de Lisboa, Augusto Carlos Rodrigues; União do Comércio do Porto, José Dias Pinheiro; Caixeiros de Setúbal; Empregados do Comércio de Évora; Empregados do Comércio de Vila Nova de Famalicão, José Dias Pinheiro.

(Conclui).

#### "Portugal Comercial e Industrial"

Recebemos o primeiro número de uma artística revista intitulada "Portugal Comercial e Industrial", impressa e composta nas oficinas do Anuário Comercial, da que é director o sr. Edmundo Noronha, secretário o sr. Carlos Abreu e director artístico o sr. Alfredo Morais. É uma interessante revista, ilustrada com numerosas e excelentes gravuras, contendo artigos interessantes, notando a execução gráfica, à indústria nacional.

#### A redução das horas de trabalho e a energia humana

Os escribas da burguesia esforçam-se por demonstrar que, reduzindo as horas de trabalho, os operários contribuem para a carestia da vida, visto resultar da escassez de produtos. E, pois, necessário produzir muito e depressa.

Já por diversas vezes fizemos notar o sarcasmo que esta afirmação representa em regime capitalista, e a este ponto teremos ocasião de voltar. É o actual regime económico que impede ou retarda a produção e que não tem interesse algum na abundância de produtos, antes pelo contrário.

Neste momento, porém, queremos apenas ocupar-nos dum dos aspectos da questão: a relação entre o número de horas de trabalho diárias e a produtividade do trabalhador.

Una máquina gasta-se e deteriora-se, mas dentro de certos limites relativamente largos pode-se calcular aritméticamente o seu rendimento invariável.

Se essa máquina numa hora produz, por exemplo, dez peças, em cem horas produzirá cem vezes dez, mil peças de obra.

Mas a máquina humana é diferente. Fatiga-se ou entorce rapidamente, e o rendimento da segunda hora é inferior ao da primeira. Assim, se uma hora produz dez, em dez horas consecutivas não produzirá dez, mas sensivelmente menos.

Nas primeiras horas, ainda o rendimento se poderá manter quasi igual, mas à medida que as horas se estendem, a produtividade baixa numa progressão rápida. E se a fatiga se conserva, por excessiva, para o dia seguinte, o rendimento do trabalho tende a diminuir de dia para dia, sendo a tarefa tomada cada vez com menos energia.

Além disso, com a ação da fadiga, a energia do trabalhador vai baixando sempre, por mais bem treinado que ele esteja; e se a fadiga for contínua, se a fadiga diária for excessiva, acentuar-se-há a ação dos anos, será mais prematuro o envelhecimento e com ela a perda de forças.

São factos conhecidos e de fácil verificação, como é conhecida e verificável a influência do número de horas de trabalho sobre os acidentes. Numerosas estatísticas têm mostrado que os acidentes vão aumentando pelo dia, à medida que se acentua a fadiga, e com ela a desatenção.

Numerosos no fim de cada período de trabalho, diminuem depois do intervalo, para atingir a cifra máxima no fim do segundo período diário. O dia que mais acidentes conta é o último dia de trabalho da semana, baixando os acidentes ao mínimo no dia seguinte ao descanso semanal.

Certamente, o interesse patronal não se move ante tais factos. Se o patrício paga um escudo tanto por ofício como por doze horas diárias, é claro que prefere reter o seu trabalhador durante doze horas, ainda que nas últimas quatro ele não produza mais do que numa só das primeiras. E pouco lhe importa que o operário se fatigue em excesso, esteja exposto a acidentes ou a doenças e envelheça ou arrebrene prematuramente. Se o trabalhador já não presta, deixa-o fôr como a um lixo espremido, e chama outro. O mais que pode fazer — para ganhar dinheiro de benemerito e merecer pomposos elogios nas gazetas — é dar meia dúzia de contos a uma instituição de beneficência, asilo ou hospital, e pagar à Companhia de Seguros o prémio do seguro contra acidentes no trabalho. São verbas miúdas das despesas gerais.

Mas a classe trabalhadora não pode ter a mesma opinião, não pode deixar-se assassinar dessa maneira. Não pode ou não deve.

Nem o interesse patronal condiz de modo algum com o interesse da sociedade em geral. Esta precisa de conservar e respeitar as forças produtoras, iluminar o esforço humano com a máquina, impedir a fadiga e o deprecimento da raça, extinguir todos os focos de miséria física e de contágio, fazer cessar todos os motivos de deslumbramentos intestinos. Ela pedirá o supremo esforço produtivo, não à delicada máquina, mas à potente máquina de aço.

#### OS DEPORTADOS

#### CHEGARAM ONTEM A LISBOA

Conforme ontém dissemos, nas últimas notícias, o vapor São Jorge, que a bordo trazia os camaradas que se encontravam deportados em Loanda, entrou ontém no Tejo, pelas 4 horas. Os deportados só puderam sair às 17 horas, devido a dificuldades burocráticas, inevitáveis neste país.

Eram aguardados no cais por alguns operários, poucos, devido à incerteza da chegada ontem a Lisboa do São Jorge, assim como da hora a que fundearia o porto. Esses camaradas fizeram aos deportados uma receção amistosa, acompanhando-os, depois, à sede da U. O. N., onde foram recebidos por alguns elementos da Central dos Sindicatos.

Os camaradas deportados, que são os seguintes: José Joaquim Nunes, corticeiro; Manuel Balinha, rural; Custódio Paulino, rural; Manuel João, rural; José Manoel, rural; António Zácarias, rural; João Monteiro Júnior, rural; Inácio Morais, rural; Frederico Manuel Luis, rural; Bernardino Joaquim dos Santos, construção civil; estiveram na oficina apresentando as suas saudações.

O São Jorge partiu a 19 de Agosto, de Loanda, tendo a viagem decorrido bem.

#### Congressos corporativos

#### O dos Empregados no Comércio

Está definitivamente assente que o sector congresso da classe dos empregados no comércio, que terá lugar em Santarem, se realizar nos dias 27 e 28 de setembro. Para a nomeação dos respectivos delegados já foram enviadas circulares a todos os sindicatos da província, devendo estes fazer-lo com a maior brevidade.

As duas Juntas da Federação, norte e sul, vêm trabalhando activamente na confecção de teses e outros documentos que deverão ser presentes ao Congresso.

#### A sair brevemente

Perfeito de Carvalho

#### NOTAS

8

#### COMENTÁRIOS

Preço \$30

#### OS QUE VIVEM DA FOME PÚBLICA

Encontra-se no Tejo há alguns dias, um barco carregado de batatas, não tendo sido ainda descarregado

O indiferentismo dos governantes pela carestia da vida continua manifestando-se a cada passo. Há dias deixaram apodrecer a bordo do Douro, 700 toneladas de batata, um artigo que quase desapareceu do mercado, devido as maiores das assombrações, que por todos os meios querem provocar a alta. Seria natural que as autoridades, tomando a serio a defesa dos interesses dos consumidores, assim que tivessem aviso de que essa grande quantidade de batata ameaçava danificar-se, se apropriasse dela, abastecendo o mercado, pelo menos, por alguns dias.

Julgamos que casos como o do Douro, não se repetiriam, por serem escandalos demais. Por isso, qual não foi a nossa surpresa quando se nos desparou num jornal de ontem o seguinte anúncio, em caracteres bem negros:

VAPOR "TANA"

Carregamento de 1.032 toneladas de batata, vindas de Dundee

Não se tendo apresentado desfavorável a reclamar o sobradito carregamento, é chamado pelo presidente a apresentar-se, até dia 8 do corrente inclusive no Cais do Sodré, n.º 61, 1.º andar, para o referido recebimento. Este anúncio, que é o terceiro, é publicado nos termos e para os efeitos dos artigos 339.º e parágrafo único do Código Comercial.

Este anúncio é uma prova esmagadora de que o comércio sem escrupulos, explorador da fome pública, não tem menor atenção aos interesses do consumidor, não se importando em perder grandes quantidades de artigos de primeira necessidade, só para conseguir o agravamento do custo da vida, agravamento que não só repararia esse relativamente pequeno prejuízo, mas ainda haveria ocasião para colher fartos lucros como prémio da sua intimita.

O povo trabalhador tem hoje uma prova de que só os seus inimigos — o comércio assombrador e desonesto e os governantes que não querem saber, como representantes da burguesia, da crítica situação económica dos operários.

Mas a classe trabalhadora não pode ter a mesma opinião, não pode deixar-se assassinar dessa maneira. Não pode ou não deve.

Nem o interesse patronal condiz de modo algum com o interesse da sociedade em geral. Esta precisa de conservar e respeitar as forças produtoras, iluminar o esforço humano com a máquina, impedir a fadiga e o deprecimento da raça, extinguir todos os focos de miséria física e de contágio, fazer cessar todos os motivos de deslumbramentos intestinos. Ela pedirá o supremo esforço produtivo, não à delicada máquina de aço.

Manufactores de Calçado em greve

A sede do Sindicato tanto Metárgicos, reuniram ontem os grevistas,

resolvendo continuar em greve, até completa satisfação das suas reclamações. Em face da intrusão dos industriais, manifestada à comissão que com eles se avistou, e de que fez parte o secretário geral do Sindicato, foi votada uma moção estabelecendo a atitude dos grevistas e de incitamento a todos os para que se sucedam as sessões de propaganda.

Metárgicos em greve

No sede do Sindicato tanto Metárgicos, reuniram ontem os grevistas,

#### As perseguições na Casa da Moeda

Conforme ontém dissemos, nas últimas notícias, o vapor São Jorge, que a bordo trazia os camaradas da União Fabril, se estão praticando na Casa da Moeda, receberam a seguinte carta do camarada Artur Inés:

Camara redactor. — O pessoal da casa da Moeda, que tem sido vítima do sentimento de sorriso nos lábios e punhal condido na sotauna, que é o celebríssimo mestre Azevedo, mais conhecido pelo Lúcio, desse pessoal diziamos, que um pouco de consciência não sacudiu, quando diversos camaradas seus foram uns demitidos e outros suspensos, pelo menos o dever moral, visto todos a uma voz protestarem inteiramente contra o sr. Lúcio, de comparecer a reunião magna de assalariados e funcionários do Estado, que se devia realizar anteontem, domingo.

Não sabemos se já sabiam da intenção da comissão organizadora, de adiar essa parada dos trabalhadores do Estado, mas o caso é que, houve quem fôsse analizar de perto quais eram os camaradas da Casa da Moeda que no domingo tinham ido à Caixa Económica Operária, e teve a ocasião de verificar que da Casa da Moeda estavam dois operários apenas, dos que estão ao serviço, e três dos perseguidos pelo sr.

Considerando que o governo tem exercido contra a organização operária, uma série enorme de perseguições e bem assim contra A Batalha, seu órgão na imprensa operária; Considerando que a classe dos Trabalhadores Rurais jamais recebeu de qualquer governo, medida alguma de carácter social que a beneficiasse; Considerando que vai enfim entrar a vigar a lei das oito horas de trabalho, mas desde que os trabalhadores rurais reincidentes em assembleia magna, a convite da comissão de grevistas, a seguir:

Considerando que a comissão de ferrovários que se interessou pela readmissão dos seus colegas suspensos por motivo da recente greve voltou ontem a conferenciar com o sr. Alberto Meireles, secretário do presidente do ministério, sobre o assunto, sendo-lhe malta uma vez confirmado que o sr. Sá Cardoso, enviado todos os esforços no sentido de que a Companhia use da maior benevolência para com os ferrovários que se encontram naquela condição. O inquérito continua, tendo a Companhia Portuguesa recebido nota de mais algumas suspeitas em vários pontos da linha e mandado também readmitir alguns dos suspensos. O sr. Alberto Meireles esteve ontem novamente tratando do assunto com o Conselho de Administração da Companhia.

Para tomar conhecimento desta nota devem comparecer amanhã, pelas 13 horas, na sede de Sindicato, todo o pessoal que se julgue demitido ou suspenso a fim de irem apresentar-se ao serviço todos quantos não incluídos nessa

Redmissão de grevistas

Uma comissão de ferrovários que se

interessou pela readmissão dos seus colegas suspensos por motivo da recente greve voltou ontem a conferenciar com o sr. Alberto Meireles, secretário do presidente do ministério, sobre o assunto, sendo-lhe malta uma vez confirmado que o sr. Sá Cardoso, enviado todos os esforços no sentido de que a Companhia use da maior benevolência para com os ferrovários que se encontram naquela condição. O inquérito continua, tendo a Companhia Portuguesa recebido nota de mais algumas suspeitas em vários pontos da linha e mandado também readmitir alguns dos suspensos. O sr. Alberto Meireles esteve ontem novamente tratando do assunto com o Conselho de Administração da Companhia.

Para tomar conhecimento desta nota devem comparecer amanhã, pelas 13 horas, na sede de Sindicato, todo o pessoal que se julgue demitido ou suspenso a fim de irem apresentar-se ao serviço todos quantos não incluídos nessa

Redmissão de grevistas

Uma comissão de ferrovários que se

interessou pela readmissão dos seus colegas suspensos por motivo da recente greve voltou ontem a conferenciar com o sr. Alberto Meireles, secretário do presidente do ministério, sobre o assunto, sendo-lhe malta uma vez confirmado que o sr. Sá Cardoso, enviado todos os esforços no sentido de que a Companhia use da maior benevolência para com os ferrovários que se encontram naquela condição. O inquérito continua, tendo a Companhia Portuguesa recebido nota de mais algumas suspeitas em vários pontos da linha e mandado também readmitir alguns dos suspensos. O sr. Alberto Meireles esteve ontem novamente tratando do assunto com o Conselho de Administração da Companhia.

Para tomar conhecimento desta nota devem comparecer amanhã, pelas 13 horas, na sede de Sindicato, todo o pessoal que se julgue demitido ou suspenso a fim de irem apresentar-se ao serviço todos quantos não incluídos nessa

Redmissão de grevistas

Uma comissão de ferrovários que se

interessou pela readmissão dos seus colegas suspensos por motivo da recente greve voltou ontem a conferenciar com o sr. Alberto Meireles, secretário do presidente do ministério, sobre o assunto, sendo-lhe malta uma vez confirmado que o sr. Sá Cardoso, enviado todos os esforços no sentido de que a Companhia use da maior benevolência para com os ferrovários que se encontram naquela condição. O inquérito continua, tendo a Companhia Portuguesa recebido nota de mais algumas suspeitas em vários pontos da linha e mandado também readmitir alguns dos suspensos. O sr. Alberto Meireles esteve ontem novamente tratando do assunto com o Conselho de Administração da Companhia.

Para tomar conhecimento desta nota devem comparecer amanhã, pelas 13 horas, na sede de Sindicato, todo o pessoal que se julgue demitido ou suspenso a fim de irem apresentar-se ao serviço todos quantos não incluídos nessa

Redmissão de grevistas

Uma comissão de ferrovários que se

interessou pela readmissão dos seus colegas suspensos por motivo da recente greve voltou ontem a conferenciar com o sr. Alberto Meireles, secretário do presidente do ministério, sobre o assunto, sendo-lhe malta uma vez confirmado que o sr. Sá Cardoso, enviado todos os esforços no sentido de que a Companhia use da maior benevolência para com os ferrovários que se encontram naquela condição. O inquérito continua, tendo a Companhia Portuguesa recebido nota de mais algumas suspeitas em vários pontos da linha e mandado também readmitir alguns dos suspensos. O sr. Alberto Meireles esteve ontem novamente tratando do assunto com o Conselho de Administração da Companhia.

Para tomar conhecimento desta nota devem comparecer amanhã, pelas 13 horas, na sede de Sindicato, todo o pessoal que se julgue demitido ou suspenso a fim de irem apresentar-se ao serviço todos quantos não incluídos nessa

Redmissão de grevistas

Uma comissão de ferrovários que se

interessou pela readmissão dos seus colegas suspensos por motivo da recente greve voltou ontem a conferenciar com o sr. Alberto Meireles, secretário do presidente do ministério, sobre o assunto, sendo-lhe malta uma vez confirmado que o sr. Sá Cardoso, enviado todos os esforços no sentido de que a Companhia use da maior benevolência para com os ferrovários que se encontram naquela condição. O inquérito continua, tendo a Companhia Portuguesa recebido nota de mais algumas suspeitas em vários pontos da linha e mandado também readmitir alguns dos suspensos. O sr. Alberto Meireles esteve ontem novamente tratando do assunto com o Conselho de Administração da Companhia.

Para tomar conhecimento desta nota devem comparecer amanhã, pelas 13 horas, na sede de Sindicato, todo o pessoal que se julgue demitido ou suspenso a fim de irem apresentar-se ao serviço todos quantos não incluídos nessa

Redmissão de grevistas

Uma comissão de ferrovários que se

## RIBUNA SINDICALISTA

**A direção patronal da produção  
põe a propriedade privada do material social**

*As partes de fundadores e as acções a prazo* — Os fundadores das sociedades anónimas impuseram ainda ao público numerosos processos engenhosos que lhes permitem aumentar os seus lucros, os seus acções a prazo e as partes de fundadores. As Companhias fundadas há cem anos, tais como as dos caminhos de ferro, começaram geralmente, a partir do quinquagésimo ano, a reencontrar as suas acções por meio de sorteio.

Assim restituem ao titular mais do que a soma emprestada a princípio, o reembolso feito ao par. Era de se que tendo o público restituído por uma vez o capital emprestado nada mais teria que pagar, mas não; as Companhias decidem o contrário. Entregam, a título reembolsado novos títulos, que se chamam acções a prazo, as quais continuam a vencer juro até ao fim da vida.

Outro processo dos fundadores das cidades é destinarem a si mesmos, sem depositar nenhum capital, uma parte de acções como recompensa, serviços que consideram haver prestado. A estas acções se chama partes de fundador. E embora nela tenha recebido, o público fornecerá, durante toda a duração da empresa, dividindo para si o capital fícticio. E ainda em cima de todas estas monstruosas percentagens a que o público anualmente um tanto e tanto cento aos accionistas privilegiados encarregados da gerência da companhia.

As sociedades anónimas tem o cuidado de encobrir um tanto a duração e importância das percentagens que fazem pagar nos preços aumentados das bens ou dos produtos.

Todas as operações que acabamos de analisar: o juro dos títulos pagos a taxas de quinze por cento; os juros recebidos por um capital há muito já reembolsado, os que são percebidos por um capital que nunca foi entregue, constituem outros tantos recipientes descontados sob os belos nomes de acções a prazo, acções a prazo, partes de fundadores. Desses roubos, porém, na compreende a imensa maioria do público, e ainda que o compreendesse, pouco importava. A classe capitalista em sua mão todos os poderes económicos, senhora de guardar para si a partilha o máximo possível e o público nada tem que dizer.

**IV**  
A avaliação das percentagens cobradas pelos proprietários, a título de aluguer, comporta a análise dos seguintes pontos:

a) A cifra dos alugueres pagos pelos locatários;

b) O número de vezes que os sucessivos locatários reembolsam o preço do aluguer;

c) O prémio especial percebido além dos alugueres...

d) Á cifra dos alugueres pagos pelos locatários.

Em França a metade do solo agrícola, ou seja vinte e cinco milhões de hectares, está actualmente em poder de cento e cinquenta mil grandes proprietários. Avaliando o hectare na média de mil e duzentos francos, temos representado um capital de trinta bilhões.

O público consumidor paga a esses proprietários, a título de aluguer, uma percentagem anual de três bilhões. Em consequência do aumento dos preços de venda, o público restitui-lhes, pois, todos os dez anos o valor das suas terras.

A avaliação dessas percentagens, em relação ao valor do material agrícola, dá o resultado seguinte: o material total empregado na agricultura, compreendendo as construções para o serviço das granjas, estabulos, cavalariças, etc., os instrumentos e máquinas-ferramentas, assim como os animais empregados nos trabalhos, é computado em seis bilhões.

A metade, três bilhões, representa a parte do material que pertence aos cento e cinquenta mil grandes proprietários.

Nestas condições só que o público, pagando nos preços aumentados dos produtos agrícolas três bilhões de rendas de terras, lhes restitui todos os anos o valor do material que aqueles fornecem.

Os grandes proprietários de terras, em número de cento e cincuenta mil, a prezzo de serem donos do solo agrícola, roubam três bilhões.

Duzentos mil capitalistas e patrões da grande e mediana indústria, para se pagarem do desposito que exercem sobre a classe operária, apoderam-se de quatro bilhões.

O número de vezes que os sucessivos locatários reembolsam o preço do solo e das casas. Se compararmos a soma dos alugueres ao valor do solo e das casas, verificamos que os proprietários urbanos são quasi todos os vinte e cinco reembolsados pelos locatários do solo e dos prédios. De facto, o aluguer é, em média, fixado em cinco por cento do preço, portanto, está reembolsado no final de vinte anos. E a despeito dos sucessivos reembolsos, os proprietários, eis ou outros interessados, continuam sendo indefinidamente os proprietários.

Em Paris, onde o total dos alugueres sobre a um bilhão, o reembolso do valor da cidade é ainda mais breve. Representando os terrenos o dôbro da construção, isto é, dez bilhões, são pagos em dez anos. Para os prédios, avultados de cinco a sete bilhões, bastam sete anos para lhes amortizar o preço. Ora, esses prédios duram mais de cem anos, por conseguinte, até sua deterioração, o custo da construção ou capital inicial fornecido terá sido restituído cerca de quinze vezes aos sucessivos possuidores.

**Do prémio especial percebido além dos alugueres.** As capitais possuem im-

ensos, os quais, segundo se dizia, tinham saqueado e mantinham e acampavam em Jour. Um empregado, interrogado pelo nosso sargento, respondeu que não sabia, que não tinha ouvido falar de nada. O general, um velhote, gordo, baixo e gesticulador, que mal podia sustentar-se no cavalo, galopava para a direita e para a esquerda, voltava, rolava como um tonel sobre a montada, e, com o rosto vermelho, os bigodes ericados de colora, repetia sem cessar:

— Ah! patife!... Ah! patife dos patifais!

Apoue-se, auxiliado pelo impedido, embaraçaram-se-lhe as pernas na suspensão da espada, que ele arrastava pelo solo, e, chamando o chefe da estação, encetou um colóquio dos mais animados com esse empregado, cuja fisionomia tinha uma expressão de espanto.

— E mire? — gritava o general.

Sopralava, despejando palavras intenciosas, batendo com o pé no chão, incentivando o chefe. Por fim, os dois, com o rosto abacanhado, o outro fazendo gestos furiosos, acabaram por desaparecer no gabinete do telegrafo, que não tardou a enviar-nos o ruído de um tilintar louco, encarniçado, vertiginoso, cortado de quando em quando pelos berros da voz do general.

Decidiram-se, por fim, a formar-nos sobre o cais, por companhias, e deixaram-nos ali, com as mochilas no chão, imóveis, em frente das espingardas ensaiadas. A noite tinha descido, a chu-

va entre nós riscas sangrentas por causa de um tacho de costeletas encontrado num armário, e o general mandou-las um pobre velho, que tinha escondido no seu jardim, debaixo de uma gilha de adubo, alguns quilos de toucinho salgado.

No primeiro de Novembro, tínhamos marchado todo o dia, e, cerca das três horas, chegavam à estação de Loupe. Houve primeiro uma grande desordem, uma inexplicável confusão. Muitos, muitos, abandonando as fileiras, espalharam-se pela cidade, distante um quilômetro, e meteram-se nas tabernas vizinhas. Durante mais de uma hora, os marinheiros tocaram a unir. Foram enviados cavaleiros à cidade para trazer os fugitivos, e ficaram também a beber. Corria o boato de que um comboio formado por Nogent-le-Rotrou, devia conduzir-nos a Chartres, ameaçada pelos Prus-

sianos, os quais, segundo se dizia, tinham saqueado e mantinham e acampavam em Jour. Um empregado, interrogado pelo nosso sargento, respondeu que não sabia, que não tinha ouvido falar de nada. O general, um velhote, gordo, baixo e gesticulador, que mal podia sustentar-se no cavalo, galopava para a direita e para a esquerda, voltava, rolava como um tonel sobre a montada, e, com o rosto vermelho, os bigodes ericados de colora, repetia sem cessar:

— Ah! patife!... Ah! patife dos patifais!

Apoue-se, auxiliado pelo impedido, embaraçaram-se-lhe as pernas na suspensão da espada, que ele arrastava pelo solo, e, chamando o chefe da estação, encetou um colóquio dos mais animados com esse empregado, cuja fisionomia tinha uma expressão de espanto.

— E mire? — gritava o general.

Sopralava, despejando palavras intenciosas, batendo com o pé no chão, incentivando o chefe. Por fim, os dois,

com o rosto abacanhado, o outro fazendo gestos furiosos, acabaram por desaparecer no gabinete do telegrafo, que não tardou a enviar-nos o ruído de um tilintar louco, encarniçado, vertiginoso, cortado de quando em quando pelos berros da voz do general.

Decidiram-se, por fim, a formar-nos sobre o cais, por companhias, e deixaram-nos ali, com as mochilas no chão, imóveis, em frente das espingardas ensaiadas. A noite tinha descido, a chu-

va entre nós riscas sangrentas por causa de um tacho de costeletas encontrado num armário, e o general mandou-las um pobre velho, que tinha escondido no seu jardim, debaixo de uma gilha de adubo, alguns quilos de toucinho salgado.

No primeiro de Novembro, tínhamos marchado todo o dia, e, cerca das três horas, chegavam à estação de Loupe. Houve primeiro uma grande desordem, uma inexplicável confusão. Muitos, muitos, abandonando as fileiras, espalharam-se pela cidade, distante um quilômetro, e meteram-se nas tabernas vizinhas. Durante mais de uma hora, os marinheiros tocaram a unir. Foram enviados cavaleiros à cidade para trazer os fugitivos, e ficaram também a beber. Corria o boato de que um comboio formado por Nogent-le-Rotrou, devia conduzir-nos a Chartres, ameaçada pelos Prus-

sianos, os quais, segundo se dizia, tinham saqueado e mantinham e acampavam em Jour. Um empregado, interrogado pelo nosso sargento, respondeu que não sabia, que não tinha ouvido falar de nada. O general, um velhote, gordo, baixo e gesticulador, que mal podia sustentar-se no cavalo, galopava para a direita e para a esquerda, voltava, rolava como um tonel sobre a montada, e, com o rosto vermelho, os bigodes ericados de colora, repetia sem cessar:

— Ah! patife!... Ah! patife dos patifais!

Apoue-se, auxiliado pelo impedido, embaraçaram-se-lhe as pernas na suspensão da espada, que ele arrastava pelo solo, e, chamando o chefe da estação, encetou um colóquio dos mais animados com esse empregado, cuja fisionomia tinha uma expressão de espanto.

— E mire? — gritava o general.

Sopralava, despejando palavras intenciosas, batendo com o pé no chão, incentivando o chefe. Por fim, os dois,

com o rosto abacanhado, o outro fazendo gestos furiosos, acabaram por desaparecer no gabinete do telegrafo, que não tardou a enviar-nos o ruído de um tilintar louco, encarniçado, vertiginoso, cortado de quando em quando pelos berros da voz do general.

Decidiram-se, por fim, a formar-nos sobre o cais, por companhias, e deixaram-nos ali, com as mochilas no chão, imóveis, em frente das espingardas ensaiadas. A noite tinha descido, a chu-

va entre nós riscas sangrentas por causa de um tacho de costeletas encontrado num armário, e o general mandou-las um pobre velho, que tinha escondido no seu jardim, debaixo de uma gilha de adubo, alguns quilos de toucinho salgado.

No primeiro de Novembro, tínhamos marchado todo o dia, e, cerca das três horas, chegavam à estação de Loupe. Houve primeiro uma grande desordem, uma inexplicável confusão. Muitos, muitos, abandonando as fileiras, espalharam-se pela cidade, distante um quilômetro, e meteram-se nas tabernas vizinhas. Durante mais de uma hora, os marinheiros tocaram a unir. Foram enviados cavaleiros à cidade para trazer os fugitivos, e ficaram também a beber. Corria o boato de que um comboio formado por Nogent-le-Rotrou, devia conduzir-nos a Chartres, ameaçada pelos Prus-

sianos, os quais, segundo se dizia, tinham saqueado e mantinham e acampavam em Jour. Um empregado, interrogado pelo nosso sargento, respondeu que não sabia, que não tinha ouvido falar de nada. O general, um velhote, gordo, baixo e gesticulador, que mal podia sustentar-se no cavalo, galopava para a direita e para a esquerda, voltava, rolava como um tonel sobre a montada, e, com o rosto vermelho, os bigodes ericados de colora, repetia sem cessar:

— Ah! patife!... Ah! patife dos patifais!

Apoue-se, auxiliado pelo impedido, embaraçaram-se-lhe as pernas na suspensão da espada, que ele arrastava pelo solo, e, chamando o chefe da estação, encetou um colóquio dos mais animados com esse empregado, cuja fisionomia tinha uma expressão de espanto.

— E mire? — gritava o general.

Sopralava, despejando palavras intenciosas, batendo com o pé no chão, incentivando o chefe. Por fim, os dois,

com o rosto abacanhado, o outro fazendo gestos furiosos, acabaram por desaparecer no gabinete do telegrafo, que não tardou a enviar-nos o ruído de um tilintar louco, encarniçado, vertiginoso, cortado de quando em quando pelos berros da voz do general.

Decidiram-se, por fim, a formar-nos sobre o cais, por companhias, e deixaram-nos ali, com as mochilas no chão, imóveis, em frente das espingardas ensaiadas. A noite tinha descido, a chu-

va entre nós riscas sangrentas por causa de um tacho de costeletas encontrado num armário, e o general mandou-las um pobre velho, que tinha escondido no seu jardim, debaixo de uma gilha de adubo, alguns quilos de toucinho salgado.

No primeiro de Novembro, tínhamos marchado todo o dia, e, cerca das três horas, chegavam à estação de Loupe. Houve primeiro uma grande desordem, uma inexplicável confusão. Muitos, muitos, abandonando as fileiras, espalharam-se pela cidade, distante um quilômetro, e meteram-se nas tabernas vizinhas. Durante mais de uma hora, os marinheiros tocaram a unir. Foram enviados cavaleiros à cidade para trazer os fugitivos, e ficaram também a beber. Corria o boato de que um comboio formado por Nogent-le-Rotrou, devia conduzir-nos a Chartres, ameaçada pelos Prus-

sianos, os quais, segundo se dizia, tinham saqueado e mantinham e acampavam em Jour. Um empregado, interrogado pelo nosso sargento, respondeu que não sabia, que não tinha ouvido falar de nada. O general, um velhote, gordo, baixo e gesticulador, que mal podia sustentar-se no cavalo, galopava para a direita e para a esquerda, voltava, rolava como um tonel sobre a montada, e, com o rosto vermelho, os bigodes ericados de colora, repetia sem cessar:

— Ah! patife!... Ah! patife dos patifais!

Apoue-se, auxiliado pelo impedido, embaraçaram-se-lhe as pernas na suspensão da espada, que ele arrastava pelo solo, e, chamando o chefe da estação, encetou um colóquio dos mais animados com esse empregado, cuja fisionomia tinha uma expressão de espanto.

— E mire? — gritava o general.

Sopralava, despejando palavras intenciosas, batendo com o pé no chão, incentivando o chefe. Por fim, os dois,

com o rosto abacanhado, o outro fazendo gestos furiosos, acabaram por desaparecer no gabinete do telegrafo, que não tardou a enviar-nos o ruído de um tilintar louco, encarniçado, vertiginoso, cortado de quando em quando pelos berros da voz do general.

Decidiram-se, por fim, a formar-nos sobre o cais, por companhias, e deixaram-nos ali, com as mochilas no chão, imóveis, em frente das espingardas ensaiadas. A noite tinha descido, a chu-

va entre nós riscas sangrentas por causa de um tacho de costeletas encontrado num armário, e o general mandou-las um pobre velho, que tinha escondido no seu jardim, debaixo de uma gilha de adubo, alguns quilos de toucinho salgado.

No primeiro de Novembro, tínhamos marchado todo o dia, e, cerca das três horas, chegavam à estação de Loupe. Houve primeiro uma grande desordem, uma inexplicável confusão. Muitos, muitos, abandonando as fileiras, espalharam-se pela cidade, distante um quilômetro, e meteram-se nas tabernas vizinhas. Durante mais de uma hora, os marinheiros tocaram a unir. Foram enviados cavaleiros à cidade para trazer os fugitivos, e ficaram também a beber. Corria o boato de que um comboio formado por Nogent-le-Rotrou, devia conduzir-nos a Chartres, ameaçada pelos Prus-

sianos, os quais, segundo se dizia, tinham saqueado e mantinham e acampavam em Jour. Um empregado, interrogado pelo nosso sargento, respondeu que não sabia, que não tinha ouvido falar de nada. O general, um velhote, gordo, baixo e gesticulador, que mal podia sustentar-se no cavalo, galopava para a direita e para a esquerda, voltava, rolava como um tonel sobre a montada, e, com o rosto vermelho, os bigodes ericados de colora, repetia sem cessar:

— Ah! patife!... Ah! patife dos patifais!

Apoue-se, auxiliado pelo impedido, embaraçaram-se-lhe as pernas na suspensão da espada, que ele arrastava pelo solo, e, chamando o chefe da estação, encetou um colóquio dos mais animados com esse empregado, cuja fisionomia tinha uma expressão de espanto.

— E mire? — gritava o general.

Sopralava, despejando palavras intenciosas, batendo com o pé no chão, incentivando o chefe. Por fim, os dois,

com o rosto abacanhado, o outro fazendo gestos furiosos, acabaram por desaparecer no gabinete do telegrafo, que não tardou a enviar-nos o ruído de um tilintar louco, encarniçado, vertiginoso, cortado de quando em quando pelos berros da voz do general.

Decidiram-se, por fim, a formar-nos sobre o cais, por companhias, e deixaram-nos ali, com as mochilas no chão, imóveis, em frente das espingardas ensaiadas. A noite tinha descido, a chu-

va entre nós riscas sangrentas por causa de um tacho de costeletas encontrado num armário, e o general mandou-las um pobre velho, que tinha escondido no seu jardim, debaixo de uma gilha de adubo, alguns quilos de toucinho salgado.

No primeiro de Novembro, tínhamos marchado todo o dia, e, cerca das três

**A BATALHA**NA PROVÍNCIA  
E NOS ARREDORES

TAVIRA, 6

Os importantes melhoramentos da Câmara Municipal

E com o maior regozijo que damos a publicidade a notícia da colocação dumas das rédeas dos bancos da Praça da República, nessa localidade, já pela exuberante alegria que transparece no rosto dos seus aficionados frequentadores que durante bem longos meses se sentiram privados da comodidade que oferecia a dita rédea, que os obrigava a fazerem um esforço muito cansativo e pouco estético, como para bem vincular a oportunidade do melhoramento levado a efeito pelo actual comissário camarária, (de concentração republicana) que tomou o cargo da direcção municipal da mais dura e séria maneira, logo intensificando e promovendo o cumprimento da extrema importâncias de obras a realizar.

Compacta multidão tem admirado este benefício, e parece-nos que não ha transiente por mais apressado, que não se detinha a contemplar a singularidade que o ditº banqueiro apresenta em querer empenhar-se tanto quanto é possível em fazer a obra, e quanto é possível, como para bem vincular a oportunidade do melhoramento levado a efeito pelo actual comissário camarária, (de concentração republicana) que tomou o cargo da direcção municipal da mais dura e séria maneira, logo intensificando e promovendo o cumprimento da extrema importâncias de obras a realizar.

Compacta multidão tem admirado este benefício, e parece-nos que não ha transiente por mais apressado, que não se detinha a contemplar a singularidade que o ditº banqueiro apresenta em querer empenhar-se tanto quanto é possível em fazer a obra, e quanto é possível, como para bem vincular a oportunidade do melhoramento levado a efeito pelo actual comissário camarária, (de concentração republicana) que tomou o cargo da direcção municipal da mais dura e séria maneira, logo intensificando e promovendo o cumprimento da extrema importâncias de obras a realizar.

Compacta multidão tem admirado este benefício, e parece-nos que não ha transiente por mais apressado, que não se detinha a contemplar a singularidade que o ditº banqueiro apresenta em querer empenhar-se tanto quanto é possível em fazer a obra, e quanto é possível, como para bem vincular a oportunidade do melhoramento levado a efeito pelo actual comissário camarária, (de concentração republicana) que tomou o cargo da direcção municipal da mais dura e séria maneira, logo intensificando e promovendo o cumprimento da extrema importâncias de obras a realizar.

Compacta multidão tem admirado este benefício, e parece-nos que não ha transiente por mais apressado, que não se detinha a contemplar a singularidade que o ditº banqueiro apresenta em querer empenhar-se tanto quanto é possível em fazer a obra, e quanto é possível, como para bem vincular a oportunidade do melhoramento levado a efeito pelo actual comissário camarária, (de concentração republicana) que tomou o cargo da direcção municipal da mais dura e séria maneira, logo intensificando e promovendo o cumprimento da extrema importâncias de obras a realizar.

E, como todos nós por cá somos muito complacentes, religiosamente desejamos que não se esforcem muito em trabalho e esforço, porque as vidas estão caras e curtais e principalmente... preciosas!—C.

VILA FRANCA DE XIRA, 6

Os fiscais das subsistências e os pequenos comerciantes

Mais uma vez apareceram nesta vila os chamados fiscais das subsistências, para igualar o custo das mesmas. Ora, é de se admirar fatores estes gastos e muito falho de conhecimentos, ou então muito falho de conhecimentos. Como se compreende que se mande autorizar ou obrigar os pequenos comerciantes a vender os gêneros por uns preços quando é certo que o baixo comércio para os adquiriu, tem dia que pagou por preços superiores, dia que pagou por preços inferiores, dia que pagou por preços normais, dia que pagou por preços abaixo.

Os preços de compra aos lavradores, fabricantes, armazémistas intermediários, etc., são:

Precos porque vende o armazémista: Arroz, 100; milho, 81; manteiga, 240; açúcar, 100; café, 50; açúcar, 70; feijão, 120 e 125; sementes, 10; milho, 81.

Tabela oficial: Arroz, 120; batatas, 125; manteiga, 240; açúcar, 80 e 84; feijão, 122; café, 53; sementes, 10; milho, 81.

Por aqui se pode bem alistar a bordo oriental de que mandia os fiscais fazer este belo serviço à província. Uma vez que não atacam o mal bem pelo fundo, não seria melhor que quem de direito, mandasse essa legião de fiscais cavar batatas, visto ser um gênero que é de grande consumo, e que sim, porque, com estas medidas, resiste que os fiéis poucos gêneros que ainda aparecem no mercado, somem-se como por encanto, privando-o povo de os comprar, já não digo pelos preços tabelas, mas sim pelos preços que estavam em vigor visto que os gêneros tecem de se ganhar clandestinamente, e é muito favor. O mal não parte do retaliista, sra das subsistências! E vos bem os sabéis.—C.

SILVES, 6

A greve dos carpinteiros—Carestia da vida

Encontram-se em greve os operários confecionários da secção das máquinas, reclamando aumento de salário. Apesar de ser a localidade onde os salários dentro da indústria são mais irrisórios, tecem os camarárdas em sua encontrada a parte dos industriais uma resistência tenaz, não querendo conceder ao pequeno aumento reclamado pelos camarárdas. A moral dos grevistas é excelente.

Caso o movimento não seja solucionado em breve, estes camarárdas publicarão um manifesto à classe corticeira de todo o país, a fim de elucidar a classe e pedir o seu auxílio.

L'Aumenta extraordinariamente, de dia

TEATROS & CINEMAS

## OS QUE MORREM

## FALECIMENTOS

Faleceram ontem e sepultaram-se hoje as seguintes pessoas:

D. Maria Madalena Rodrigues, às 15,30, da rua dos Cavaleiros, 110; José Fernandes, às 14, da rua Aurora, 101; Vicente Antônio Váter, às 16, da rua Gonçalves Crespo, 23; D. Maria Josefa Lima Almeida, 11; Beatriz Maria Moreira, às 16, da travessa do Livramento, 11; Manoel Santos Pinto, às 16, da hospital de S. José; Carvalho, Ramos Barata, às 15, da rua Mão de Água; D. Maria Jose Sequeira Soares, às 11, da rua da Graca, 64; José Carlos de Amorim, às 16, da travessa de S. Pedro, 29.

## OBITUARIO

Cadáveres inumados no dia 5 do corrente:

Relação de S. João:

Um feto de sexo feminino; Um feto de sexo masculino; Luís Antônio, 20 a.; José Rodrigues Louro, 24 a.; José Gonçalves Farinha Leitão, 2 d.; Um feto de sexo feminino; Alice Rodrigues de Britto, 18 m.; Hortense Ferreira, 17 m.; Celeste Nascente Ferreira, 7 d. de Antônio Teixeira Pinto, 33 a.; José de Almeida, 43 a.

Ajudas:

Rosa Maria dos Santos, 68 a.; Luís dos Santos Peixoto, 45 a.; Plácido Viegas, 58 a.; Artur Lopes, 1 a.; Leonor Augusta, 70 a.; Lucia Adela de Carvalho, 16 a.; José da Cunha, 51 a.; Geraldo Peixoto Neto, 78 a.; Abilio da Nazaré Peixoto, 5 a.; Alexandre de Jesus, 53 a.; Maria de Jesus Ferreira, 11 m.

(379) O notário M. Faccio Vianna.

## O TEMPO

Temperatura do ar em 7—Lisboa, 27,4;

Pórtio, 27,8; Colônia, 24,4; Madrid, 22,0;

Vento—Lisboa, NE; Pórtio, E; Coimbra, SE; Madrid, E.

Tempo previsões hoje. — Vento fraco entre NW. Céu de algumas nuvens.

ENTRADAS EM 8

Vapor português Portugal, da Baía dos Tigres; vapor português S. Jorge, de Benfica; vapor francês Sion, de Casablanca; vapor dinamarquês Lilleborg, de Copenhague.

SALÃO FOZ—A's 20,30—Cpri Martinho de Aragão-Barão-Sauzé-Estréla e Chileno e Ribeiro.

OLIMPÍA—A's 21,30—“Lebre corrida”.

EDEN—3 sessões de 20,30 e 22,45, com o que é novo “Grava Gera” ampliando a sua programação.

COLISEU DOS RECREIOS—Animatôgrafo e variedades.

SALÃO FOZ—A's 20,30—Cpri Martinho de Aragão-Barão-Sauzé-Estréla e Chileno e Ribeiro.

OLIMPÍA—Animatôgrafo e concerto.

SALÃO DA TRINDADE—Variedades e animatôgrafo.

SALÃO IDEAL—Animatôgrafo, fits, fárias.

CHANTECLER—Animatôgrafo, fits, fárias.

SALÃO DOS ANJOS—As quintas feiras, sábados e domingos, animatôgrafo.

TEATRO RECREIOS DA GRACA—A's 21,30—Hóte, às 21,30—“Missa Nova”, variedades e canto celestial.

CASINO RECREATIVO DO MONTAGEM—As quintas feiras e domingos, montagem jogos e outros divertimentos.

ENTRADAS EM 9

As que roubam terra da lei

Em casa de António Dias Pacheco e Luís Inácio Ferreira Pacheco, rua do Arco do Cego, 49-E, entraram de noite por uma janela do estabelecimento de moleiros, queimando e furtando, e levando consigo quase tudo, vendendo o getumo móveis no valor de 45000, fujindo em seguida para o Bombardeiro, onde foi preso.

Foi preso um indivíduo pelo alferes Alfredo Teotónio Tinoco, do Depósito de Adidos da Guardaria, que o acusa de quantas aforas de ter cometido o mesmo delito.

Quem queixaram-se à polícia Francisco Alves dos Santos, rua dos Coriolanos, 14, 3.º, que lhe furtaram uma corrente de ouro no valor de 35000, José Maria Otero, rumo Prata, 80, 1.º, que lhe furtaram uma carteira com relógio de ouro no valor de 14000;

Manuel Minas de Negozinho, de que na estação do Rossio lhe furtaram um saco com vários objectos no valor de 103000; Manuel José Correia, rua da Cruz de Santa Apolónia, 56, 1.º, de que lhe furtaram uma carteira com 50000, e António Eugénio, rua da Ponta Desgada, 45, 3.º, de que, por chaves falsas, furtaram da sua residência vários objectos no valor de 13700.

## Biblioteca de A SEMELEIRA

Deicessal — A confederação do trabalho.	503
Kropotkin—Os bastidores das guerras	503
Kropotkin—Em volta de uma vida	570
Landauer — A Sociedade Dimorfeira na Alemanha	500
Libertas—O social e o anarcismo	502
— 2.º ano	503
— 3.º ano	503
— 4.º ano	503
A Sementeira—4.º ano e até o último número da 1.ª série, 16 números, 128 páginas de sociologia, biografia, gravuras, etc.	503
A Sementeira—Os 2 primeiros anos da 2.ª série 1916-1917, com óptima e variada elaboração, canções revolucionárias com ilustrações, trovões sociais, textos variados, 160 páginas, 100000 exemplares, fórmulas e conselhos, um volume de 354 pag., solto.....	500
A Sementeira, por assinatura, um ano.....	503
Satisfazem-se todos os pedidos destas e outras publicações, quando acompanhadas de respectivas importâncias e dirigidas à administração de A Sementeira.	503

Na passada dia 4 reuniu a Associação da Construção Civil a fim de os camaradas da César Cesárea e Luis Eduardo Brito, exporem a classe os maiores por que passaram, que os camaradas do governo civil em Páro, e 25 de Lisboa. Aberta a sessão, o camarada César, explicou detalhadamente à classe que são as prisões e o que elas ensinam dizendo que se não tivesse o seu espírito cultivado, teria sido a maior parte das prisões, e que o que presencia, é que os operários que presencia, já estão insatisfeitos com a sua situação, e que a sua situação é pior que a sua.

Prendeu-se a classe a pensar em como o governo deve agir.

Representante—J. FORCADA

Praça do Município, 13



## Serralharia Artística

DE  
Vicente Joaquim Esteves

TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo

RUA DAS AMOREIRAS, 92 — LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

## OPTIMO CAFÉ

Quilo \$80, EM PACOTES DE 125 E 250 GRAMAS

— PERFUMARIAS — “MENNEN'S,”

Os melhores produtos de beleza conhecidos. Descontos aos revendedores

215 Rua Augusta, 70, 2.º—Telef. C. 1196

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-

calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-

calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-

calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-

calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-

calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

Tuberculose, anemia, falta